

BURU BURU: CHUVA DE FLOR

Marcello Moreira

Nos candomblés nagô da cidade da Bahia, em dia de festa consagrada a Obaluaiê (Rei da Terra), é comum adornar o barracão com feiras de pipoca; os membros do terreiro enfiam-na pacientemente, como se fizessem fios de conta; a correlação não é nova, pois outros já a haviam proposto, como José Flávio Pessoa de Barros (1999: 75). Como se sabe, cada conta tem um determinado padrão cromático, que é próprio de uma divindade, com simultânea exclusão de todas as outras; a cor, de certa forma, torna evidente o orixá que dá a ver; há alimentos que, assim como as contas coloridas, são próprios de um orixá, mas nenhum outro é tão emblemático de um santo quanto o *doburu* (pipoca) o é de Obaluaiê. A pipoca é chamada entre o povo de santo da cidade da Bahia "flor do Velho"; a associação entre o *doburu* e Obaluaiê é tão unívoca e certa para os adeptos do candomblé, que se pode dizer – como faziam os gramáticos dos séculos XVI e XVII quando ensinavam o que era metonímia aos seus alunos, afirmando que Ceres, a divindade romana das searas, podia ser substituída pelas palavras "molho de grãos", "trigo" ou "pão" (Alcaçar, 1750), na medida em que nenhuma outra divindade era responsável por essas benesses, ou seja, "grãos", "trigo" e "pão", a não ser Ceres – ser *doburu* metonímia para o Rei da Terra. Mas as metonímias, no caso daquelas que, por analogia, são substitutivas de uma divindade, normalmente são operadas pela substituição do deus ou deusa por aquilo que ele/ela produz (Baco, pela uva ou pelo vinho), ou ainda por um instrumento que se lhe associa univocamente (Marte, deus da guerra, pelo escudo ou lança). No caso da relação substitutiva entre Obaluaiê e o *doburu*, a substituição metonímica é

mais complexa, pois se funda na mítica do candomblé nagô; como se sabe, Obaluaiê é o deus da varíola e das afecções em geral, e o *doburu*, sua comida votiva, por excelência, representa as pústulas que um dia lhe cobriram o corpo; *doburu* é o corpo chagado do santo, mais, é a chaga com que se comunga e que dá saúde aos que a comem; quando se nomeia *doburu* "flor do Velho", no mês primavera de setembro, tempo em que se realiza sua festa, o que era chaga, ao pipocar dentro das panelas em que se estoura o milho, produz, pelo aquecimento dos grãos que lembra o queimar das feridas, faísca de flor; essa flor, quando comida, traz saúde, e é comum que se tome banho de pipoca para limpar o corpo; quando, na cidade da Bahia, um pai ou mãe-de-santo dá banho de pipoca em alguém, abençoa esse que assim se lava, que assim se purifica; o *doburu* é a mais perfeita e acabada forma de ablução. Quando Ayrson Heráclito, em sua performance *Buru Buru*, nos apresenta um homem de braços abertos, em atitude de acolhimento do que ainda não sabemos que se lhe oferecerá, ele metaforiza, por esse ato de entrega, a fé nos orixás, o saber que eles só nos propiciam graça, abundância, fertilidade e saúde. O que se põe assim sob a tutela dos deuses, situado muito abaixo deles, recebe a graça que vem do alto, pois embora Obaluaiê seja o Deus da Terra, o Senhor das Necrópoles, Ele, como divindade, está acima de nós e sua graça só pode vir do alto; as flores que de repente começam a cair sobre o homem a Ele ofertado, de braços abertos, de coração entregue, são como o banho, amplificado em chuva, abundantíssima, de flor; capaz de lavar os males que nos afligem e de fazer ser primavera que se abre na explosão de incontáveis botões para nós. A crítica tende a interpretar a obra de arte em completa dissociação do artista, pois aprendemos, com os teóricos da literatura, desde os formalistas russos, passando pelo *New Criticism* americano e o estruturalismo, que a obra é auto-referencial e que seu sentido independe de seu autor. Isso é

verdade. Como mensagem dependente de um sistema sógnico, a arte pode ser interpretada sem que se tenha de recorrer a seu autor; mas quando sabemos que o homem que abre os braços para receber a graça é Joceval, companheiro de Ayrson Heráclito, podemos interpretar *Buru Buru* em um outro nível, em que se fazem presentes o artista e seus afetos; *Buru Buru* é um voto, que o artista faz em benefício do que ama, e, como súplica, é acabado exemplo do que no século XVII se falava da "pintura", "poesia sem palavras": *Buru Buru* é também uma carta de amor.